



## SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0284/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA  
RIADE, 18/10/2025**

**Mimistro das Comunicações saudita se reúne com CEO da Intel para fortalecer parceria em semicondutores e IA**



Lip-Bu Tan (L) recebe Abdullah Al-Swaha em Washington.

O ministro saudita das Comunicações e Tecnologia da Informação, Abdullah Al-Swaha, reuniu-se com Lip-Bu Tan, CEO da Intel, para discutir áreas de parceria no desenvolvimento de semicondutores e tecnologias avançadas de computação, além de melhorar a colaboração na construção de infraestrutura de inteligência artificial e tecnologias futuras.

A reunião nos EUA faz parte dos esforços do Reino para reforçar sua posição como um centro global de IA e computação avançada e para localizar cadeias de valor em tecnologias de semicondutores, em apoio aos objectivos da Visão Saudita 2030, fortalecendo a competitividade da economia digital e a liderança do país em tecnologias futuras. **Fonte-Arab News.**

## Medina lidera rankings do sector público saudita



Medina destacou-se na adopção de metodologias e no desenvolvimento de mecanismos de governança local, principalmente devido ao "modelo inovador de excelência governamental em Medina" estabelecido pela Autoridade de Desenvolvimento da Região de Medina e pelo município da região.

O Índice de Capacidades do Sector Público 2025 destacou os pontos fortes de Medina na capacitação institucional no primeiro relatório que avalia as habilidades das cidades para se adaptar e se transformar. Para o relatório, publicado pelo Instituto de Inovação e Propósito Público da University College London em parceria com a Bloomberg Philanthropies, a pesquisa de campo foi realizada em 45 cidades com a contribuição de mais de 200 funcionários do governo e 100 especialistas internacionais.

Medina destacou-se na adopção de metodologias e no desenvolvimento de mecanismos de governança local, principalmente devido ao "modelo inovador de excelência governamental em Medina" estabelecido pela Autoridade de Desenvolvimento da Região de Medina e pelo município da região. O modelo promove parcerias e aumenta a flexibilidade para melhorar a integração entre o governo, o sector privado e a comunidade. Esta distinção reflecte o compromisso da liderança saudita em melhorar a qualidade de vida e os serviços para residentes e visitantes, ao mesmo tempo em que apoia a Visão Saudita 2030. **Fonte-Arab News.**

## Tentativa de contrabandear 47.927 pílulas de captagon frustrada



Autoridades do Reino da Arábia Saudita prenderam indivíduos carregando pílulas de captagon na passagem de fronteira de Al-Haditha.

A Autoridade Tributária e Aduaneira de Zakat frustrou uma tentativa de contrabandear 47.927 pílulas de captagon na passagem de fronteira de Al-Haditha. As pílulas foram escondidas em um caminhão que entrava no Reino.

Hamoud Al-Harbi, porta-voz da autoridade, disse que as drogas foram descobertas quando o caminhão passou por procedimentos alfandegários e inspecções usando tecnologias de segurança na chegada. Após a apreensão, a autoridade coordenou com a Direcção Geral de Controle de Narcóticos, levando à prisão de quatro indivíduos identificados como destinatários dos narcóticos apreendidos no Reino.

Al-Harbi disse que a autoridade continua a apertar o controle alfandegário sobre as importações e exportações do Reino, montando guarda contra todas as tentativas de contrabando. **Fonte-Arab News**.

## **Grandes multidões enquanto o reverenciado político do Quênia, Odinga, volta para casa**



Altos oficiais do exército do Quênia flanqueiam o caixão do líder da oposição e ex-primeiro-ministro Raila Odinga durante seu funeral de Estado no Estádio Nyayo, em Nairóbi, em 17 de outubro de 2025.

Vastas multidões se reuniram no oeste do Quênia neste sábado para ver o corpo de um político querido, Raila Odinga, para o maior dia de cerimônias de luto que já mataram pelo menos cinco pessoas nesta semana. Houve gritos de "Baba" (pai) e "Somos órfãos" entre as dezenas de milhares que lotaram as ruas de Kisumu, o coração do apoio de Odinga, quando seu caixão chegou ao estádio da cidade de helicóptero.

Odinga, de 80 anos, morreu de um ataque cardíaco suspeito na Índia na passada quarta-feira, provocando uma enorme onda de luto em todo o país, mas particularmente no oeste do Quênia, onde sua tribo Luo é dominante. Os enlutados invadiram as barreiras de segurança e escalaram as laterais do estádio e as estruturas próximas para vislumbrar o caixão. As equipes de emergência disseram que retiraram mais de 100 feridos do estádio. "Sem Baba, estamos mortos. Não temos para onde ir", disse Don Pelido, 20 anos, um apoiador pressionado contra uma barreira. Muitos temiam que a cerimônia de sábado pudesse se tornar mortal, dado o caos nos memoriais em Nairóbi nesta semana. Na passada quinta-feira, as forças de segurança abriram fogo para dispersar uma multidão crescente em um estádio de Nairóbi, onde Odinga foi levado para o velório, matando pelo menos três pessoas. E na sexta-feira, no funeral de Estado em outro estádio, liderado pelo presidente William Ruto, uma debandada de enlutados matou pelo menos duas pessoas e deixou dezenas de feridos.

### **'Pesadelo'**

Indiscutivelmente a figura política mais importante de sua geração no Quênia, Odinga serviu como primeiro-ministro de 2008 a 2013, mas nunca conseguiu ganhar a

presidência, apesar de cinco tentativas. Mas ele sobreviveu a muitos rivais e é creditado como um dos principais actores no retorno do Quênia à democracia multipartidária na década de 1990 e na supervisão da amplamente elogiada constituição de 2010.

O corpo de Odinga foi repatriado da Índia na passada quinta-feira. Depois de ser velado em Kisumu hoje sábado, o corpo irá para Bondo, no condado vizinho de Siaya, sede ancestral da família, para um enterro privado. A morte de Odinga deixa um vácuo de liderança na oposição, com críticos acusando-o de não preparar um sucessor. "Não aceitamos que ele realmente se foi. Ainda é um pesadelo", disse a dona da loja Maureen Owesi, 39, em Kisumu.

Os acordos pragmáticos de Odinga com rivais - incluindo o actual presidente Ruto no ano passado - custaram-lhe apoio entre os jovens eleitores que realizaram protestos em massa nos últimos dois anos contra a má governançao e a economia. Não está claro se o movimento de Odinga e a aliança com Ruto sobreviverão à sua morte, deixando o Quênia em um caminho incerto antes de eleições potencialmente voláteis em 2027.  
**Fonte-Reuters.**

## [\*\*Índia e Egipto buscam colaboração em startups e IA durante o primeiro diálogo estratégico\*\*](#)



**O ministro das Relações Exteriores do Egipto, Dr. Badr Abdelatty, e o ministro das Relações Exteriores da Índia, S. Jaishankar, apertam as mãos ao postarem uma foto em Nova Delhi em 16 de outubro de 2025.**

A Índia e o Egipto estão buscando mais cooperação em startups, fintech, cibernética e inteligência artificial, disse o ministro das Relações Exteriores da Índia, S. Jaishankar, depois que os dois países realizaram o seu primeiro diálogo estratégico.

O ministro das Relações Exteriores do Egipto, Dr. Badr Abdelatty, chegou a Nova Delhi na passada quinta-feira para uma visita de dois dias, durante a qual co-presidiu o Diálogo Estratégico Índia-Egipto inaugural com Jaishankar. "Apreciei a intensificação de nossa colaboração, desde o estabelecimento da Parceria Estratégica Índia-Egipto em 2023", escreveu Jaishankar no X após a reunião. "Discutimos o aprofundamento de nossa cooperação nos domínios político, econômico, de defesa, marítimo e de contraterrorismo. E novas oportunidades em startups, cibernética e IA, espaço e fintech." A Índia e o Egito têm trabalhado para impulsionar os laços nos últimos anos e concordaram em janeiro de 2023 em aumentar o comércio bilateral para US\$ 12 bilhões nos próximos cinco anos, acima dos US\$ 7,3 bilhões em 2021-22. Eles também

assinaram vários acordos sobre a expansão da cooperação em segurança cibernética, tecnologia da informação, cultura e radiodifusão. **Fonte-Reuters.**

## Hamas quer manter controle sobre a segurança de Gaza e não pode se comprometer a se desarmar, diz alto funcionário



Official sénior do Hamas, Mohammed Nazzal, fala durante entrevista à Reuters, em Doha

O Hamas pretende manter o controle de segurança em Gaza durante um período interino, disse um alto funcionário do Hamas à Reuters, acrescentando que não poderia se comprometer com o desarmamento do grupo - posições que reflectem as dificuldades enfrentadas pelos planos dos EUA para garantir o fim da guerra.

O membro do politburo do Hamas, Mohammed Nazzal, também disse que o grupo está pronto para um cessar-fogo de até cinco anos para reconstruir a Gaza devastada, com garantias para o que acontecerá depois, dependendo de os palestinos receberem "horizontes e esperança" para a criação de um Estado. Falando à Reuters em uma entrevista de Doha, onde os políticos do Hamas residem há muito tempo, Nazzal defendeu a repressão do grupo em Gaza, onde realizou execuções públicas na passada segunda-feira. Sempre houve "medidas excepcionais" durante a guerra e os executados eram criminosos culpados de matar, disse ele.

### Pressão para desarmar

Embora o Hamas tenha expressado amplamente essas opiniões antes, o momento dos comentários de Nazzal demonstra os principais obstáculos que obstruem os esforços para consolidar o fim total da guerra em Gaza, dias após a primeira fase do cessar-fogo ter sido acordada. Eles apontam para grandes lacunas entre as posições do Hamas e o plano do presidente dos EUA, Donald Trump, para Gaza, antes das negociações que devem abordar as armas do Hamas e como Gaza é governada. Solicitado a comentar os comentários de Nazzal, o gabinete do primeiro-ministro israelense disse que Israel estava comprometido com o acordo de cessar-fogo e continuava a defender e cumprir sua parte do plano. "O Hamas deve libertar todos os reféns no estágio 1. Não tem. O Hamas sabe onde estão os corpos de nossos reféns. O Hamas deve ser desarmado ao abrigo deste acordo. Sem ses, sem mas. O Hamas precisa aderir ao plano de 20 pontos. Eles estão ficando sem tempo", disse em comunicado à Reuters. O plano de Trump de 29 de setembro pedia que o Hamas devolvesse imediatamente todos os reféns antes de se comprometer com o desarmamento e ceder a governança de Gaza a um comitê tecnocrático supervisionado por um órgão internacional de transição.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, apoiou o plano, dizendo que desmantelaria as capacidades militares do Hamas, acabaria com seu domínio político e garantiria que Gaza nunca mais representasse uma ameaça a Israel. Militantes liderados pelo Hamas mataram 1.200 pessoas e sequestraram outras 251 durante os ataques de 7 de outubro a Israel que desencadearam a guerra, de acordo com registros israelenses. A resposta militar de Israel matou quase 68.000 pessoas em Gaza, de acordo com autoridades locais. Atacado por Israel na guerra, o grupo islâmico palestino está sob intensa pressão para desarmar e entregar o controle de Gaza ou arriscar uma retomada do conflito. Questionado se o Hamas desistiria de suas armas, Nazzal, falando na passada quarta-feira, disse: "Não posso responder com um sim ou não. Francamente, depende da natureza do projecto. O projecto de desarmamento de que você está falando, o que isso significa? A quem as armas serão entregues?"

Ele acrescentou que as questões a serem discutidas na próxima fase das negociações, incluindo armas, dizem respeito não apenas ao Hamas, mas a outros grupos armados palestinos, e exigiriam que os palestinos chegassem a uma posição de forma mais ampla. Um alto funcionário turco disse na semana passada que a Turquia participaria de uma força-tarefa conjunta junto com Israel, EUA, Qatar e Egito para localizar os corpos. O Hamas concordou em 4 de outubro em libertar os reféns e entregar o governo a um comitê tecnocrático, mas disse que outras questões precisavam ser tratadas dentro de uma estrutura palestina mais ampla. Ele libertou todos os reféns vivos na passada segunda-feira. Nazzal disse que as negociações da fase dois começarão em breve.

### **Objectivos das eleições – esperança para os Palestinos –**

Na passada terça-feira, Trump disse que comunicou ao Hamas que ele deve se desarmar ou será forçado a fazê-lo. Trump também sugeriu que o Hamas recebeu aprovação temporária para operações de segurança interna em Gaza e endossou o Hamas matando membros de gangues. Observando os comentários de Trump, Nazzal disse que havia um entendimento sobre a presença do Hamas no terreno, sem especificar entre quem, indicando que era necessário proteger os caminhões de ajuda de ladrões e gangues armadas. "Esta é uma fase de transição. Civilmente, haverá uma administração tecnocrática, como eu disse. No terreno, o Hamas estará presente", disse ele. Após a fase de transição, deve haver eleições, disse ele. Nazzal disse que os mediadores não discutiram com o grupo uma força internacional de estabilização para Gaza, que foi proposta no plano de cessar-fogo de Trump. A carta de fundação do Hamas pedia a destruição de Israel, embora os líderes do grupo às vezes tenham oferecido uma trégua de longo prazo com Israel em troca de um Estado palestino viável em todo o território palestino ocupado por Israel na guerra de 1967.

### **Israel considera essa posição um estratagema**

Nazzal disse que o Hamas sugeriu uma trégua de longo prazo em reuniões com autoridades dos EUA e queria uma trégua de pelo menos três a cinco anos para reconstruir a Faixa de Gaza. "O objectivo não é se preparar para uma guerra futura." Além desse período, as garantias para o futuro exigiriam que os Estados "fornecessem horizontes e esperança para o povo palestino", disse ele. "O povo palestino quer um Estado palestino independente", acrescentou. **Fonte-Reuters.**

## Irão diz que não está mais vinculado a 'restrições' em seu programa nuclear



Acima, um outdoor na Praça Enqelab em Teerão exibe fotos de cientistas nucleares, centrífugas e uma frase em farsi: 'A ciência é o poder' em 29 de agosto de 2025.

O Irão disse neste sábado que não está mais vinculado a restrições ao seu programa nuclear, já que um acordo histórico de 10 anos entre o país e as potências mundiais expirou, embora Teerão tenha reiterado seu "compromisso com a diplomacia". O acordo de 2015 - assinado em Viena pelo Irão, China, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Rússia e Estados Unidos - viu o levantamento das sanções internacionais contra a República islâmica em troca de restrições ao seu programa nuclear. Mas o pacto já estava em frangalhos depois que Washington se retirou unilateralmente durante o primeiro mandato do presidente Donald Trump, com o Irão posteriormente recuando de seus compromissos. A reimposição no mês passado de sanções da ONU a pedido de três dos signatários europeus do acordo tornou o acordo efectivamente discutível.

A partir de agora, "todas as disposições (do acordo), incluindo as restrições ao programa nuclear iraniano e os mecanismos relacionados, são consideradas encerradas", disse o Ministério das Relações Exteriores do Irão em um comunicado no dia da expiração do pacto. "O Irão expressa firmemente seu compromisso com a diplomacia", acrescentou. As potências ocidentais há muito acusam o Irão de buscar secretamente armas nucleares - algo que negou repetidamente, insistindo que seu programa nuclear é apenas para fins civis, como a produção de energia. O "dia de rescisão" do acordo foi marcado para 18 de outubro de 2025, exatamente 10 anos depois de ter sido consagrado na resolução 2231 do Conselho de Segurança da ONU. O acordo limitou o enriquecimento de urânio do Irão a 3,67 por cento em troca do alívio das sanções e previa uma supervisão estrita de suas actividades nucleares pela agência nuclear da ONU, a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA).

Mas Washington deixou o acordo em 2018 e restabeleceu as sanções, após o que Teerão começou a intensificar seu programa nuclear. De acordo com a AIEA, o Irão é o único país sem um programa de armas nucleares para enriquecer urânio a 60%. Isso está próximo do limite de 90% exigido para uma bomba e bem acima do nível necessário para o uso nuclear civil.

### 'Ações irresponsáveis'

Em julho, o Irão suspendeu a cooperação com a AIEA após a guerra com Israel, com Teerão apontando para o fracasso da agência em condenar os ataques israelenses e americanos às suas instalações nucleares. A campanha de bombardeio sem precedentes de Israel e a retaliação do Irão durante a guerra de 12 dias descarrilaram as negociações

nucleares em andamento entre Teerão e Washington. Por iniciativa da França, Grã-Bretanha e Alemanha, sanções generalizadas da ONU contra o Irão voltaram a vigorar no final de setembro pela primeira vez em uma década. O ministro das Relações Exteriores do Irão, Abbas Araghchi, disse em uma carta endereçada às Nações Unidas, que a expiração do acordo de 2015 torna as sanções "nulas e sem efeito". Grã-Bretanha, França e Alemanha acusam o Irão de não cooperar com a AIEA e gostariam que o país voltasse às negociações com os Estados Unidos. "Os esforços do Irão para reviver os intercâmbios (com a AIEA) que levaram ao acordo no Cairo também foram sabotados pelas acções irresponsáveis dos três países europeus", disse o Ministério das Relações Exteriores iraniano no comunicado, referindo-se a uma estrutura recente para retomar a cooperação. **Fonte-Reuters.**

## **ONU diz que "levará algum tempo" para reduzir fome em Gaza**



Caminhões transportando ajuda fornecida pelo Programa Mundial de Alimentos (PMA) esperam na passagem de Kissufim, localizada a leste de Deir el-Balah, no centro da Faixa de Gaza.

A Organização das Nações Unidas (ONU) alertou ontem sexta-feira que levará tempo para reverter a fome na Faixa de Gaza, dizendo que todas as passagens precisam ser abertas para "inundar Gaza com alimentos". O Programa Mundial de Alimentos da ONU disse que conseguiu transportar cerca de 3.000 toneladas de suprimentos de alimentos para o território palestino devastado pela guerra desde que o cessar-fogo mediado pelos EUA entre Israel e o Hamas entrou em vigor. "Vai levar algum tempo para reduzir a fome" declarada pela ONU no final de agosto, disse a porta-voz do PMA, Abeer Etefa, em uma colectiva de imprensa em Genebra. "O cessar-fogo abriu uma estreita janela de oportunidade. O PAM está se movendo muito rapidamente e rapidamente para aumentar a assistência alimentar e alcançar famílias que sofreram meses de bloqueio, deslocamento e fome." Etefa disse que o PAM tinha cinco pontos de distribuição de alimentos em funcionamento em toda a Faixa de Gaza, principalmente no sul, mas queria chegar a 145. **Fonte-Reuters.**

## **Lutas diárias persistem em Gaza, mesmo quando o cessar-fogo oferece alguma trégua**

Bassil Naggar, pode finalmente dormir sem ser acordado pelos sons dos ataques aéreos israelenses. Para Naggar e sua família deslocada, e para muitos em Gaza que enfrentam desafios semelhantes, o cessar-fogo na guerra Israel-Hamas proporcionou uma pausa muito necessária de uma guerra de dois anos que matou dezenas de milhares de palestinos e deixou grande parte do território em ruínas. Mas muitas lutas diárias, grandes e pequenas, persistem - desde como colocar um tecto real sobre a cabeça e o

que vestir à medida que o inverno se aproxima, até como garantir uma alimentação adequada, até preocupações sobre se o frágil cessar-fogo será mantido. A extensão de algumas das perdas pessoais e comunitárias ficou mais clara desde que o cessar-fogo entrou em vigor em 10 de outubro, permitindo que muitos retornassem aos seus bairros e descobrissem o que resta de suas casas. "A vida após o cessar-fogo ainda é ansiosa. A guerra realmente acabou?" disse Naggar, que foi deslocado cerca de uma dúzia de vezes desde o início da guerra. Alimentando seus temores estão as memórias dos ataques aéreos israelenses mortais em março, que quebraram uma trégua anterior.

O Programa Mundial de Alimentos está se movendo "rapidamente para aumentar a assistência alimentar e alcançar famílias que sofreram meses de bloqueio, deslocamento e fome", disse ontem sexta-feira em Genebra, a porta-voz Abeer Etefa. "Ainda estamos abaixo do que precisamos, mas estamos chegando lá", disse Etefa. Os desafios que ela citou incluem infraestrutura danificada e a necessidade de mais travessias abertas para Gaza. No início da semana, a entrada de ajuda humanitária desesperadamente necessária em Gaza foi interrompida por dois dias para a troca de reféns e prisioneiros e para um feriado judaico. Israel também ameaçou reduzir o número de caminhões autorizados a entrar em Gaza, dizendo que o Hamas demorou muito para devolver os corpos de reféns restantes. **Fonte-Reuters.**

## Como a Turquia emergiu como um fiador chave para Gaza



DRA. SINEM CENGIZ

17 de outubro de 2025



A Turquia foi um dos quatro países que assinaram uma declaração conjunta liderada pelos EUA sobre o acordo de cessar-fogo de Gaza em Sharm El-Sheikh.

Desde o início da guerra de Gaza, a Turquia assumiu uma postura assertiva e proativa, engajando-se em iniciativas regionais e internacionais que visavam acabar com a agressão israelense. Nos últimos dois anos, Ancara apoiou fortemente todos os esforços liderados pelos árabes, cerrando fileiras com os estados regionais, particularmente o Reino da Arábia Saudita, Qatar, Egito e Síria, para apresentar uma frente unida. Essa abordagem não apenas fortaleceu os laços da Turquia com as nações árabes, mas também com o governo dos EUA.

Como resultado desses esforços, a Turquia foi um dos quatro países que assinaram uma declaração conjunta liderada pelos EUA sobre o acordo de cessar-fogo de Gaza em Sharm El-Sheikh, Egito, na passada segunda-feira. Ao lado do presidente Recep Tayyip Erdogan, a declaração foi assinada pelo presidente dos EUA, Donald Trump, pelo presidente egípcio, Abdel Fattah El-Sisi, e pelo Emir do Qatar, Sheikh Tamim bin Hamad Al-Thani.

Mas o que abriu o caminho para a Turquia garantir um lugar à mesa? As bases foram lançadas durante uma reunião a portas fechadas entre Trump e os líderes de várias nações muçulmanas e árabes à margem da Assembleia Geral da ONU no mês passado. Notavelmente, Erdogan estava sentado com destaque ao lado de Trump, oferecendo os primeiros sinais das expectativas de Washington em relação a Ancara em relação ao acordo de Gaza. Após essa reunião, Erdogan realizou uma reunião individual com Trump, durante a qual Gaza foi discutida em mais detalhes.

Na sequência, a Turquia, ao lado do Qatar e do Egito, iniciou esforços para encorajar o Hamas a responder positivamente à proposta de cessar-fogo apoiada pelos EUA. Uma figura-chave nesses esforços foi Ibrahim Kalin, chefe da Organização Nacional de Inteligência da Turquia, que desempenhou um papel central nas negociações nos bastidores realizadas em Doha. Seu envolvimento sinalizou a inclusão oficial da Turquia nas negociações de mediação.

De acordo com o ministro das Relações Exteriores turco, Hakan Fidan, Ancara foi especificamente solicitada por Washington a usar sua influência para ajudar a garantir que o Hamas concordasse com a proposta. A liderança turca vê Gaza não apenas como uma questão estratégica, mas também como uma questão de importância doméstica. A Palestina é uma das poucas questões em que todos os principais partidos políticos da Turquia estão unidos. O povo turco é sensível à causa palestina e a guerra em Gaza aprofundou seus sentimentos negativos em relação a Israel.

Por meio de uma série de esforços diplomáticos de bastidores, a Turquia acabou emergindo como um dos fiadores do acordo de Gaza. Isso não se deveu apenas à sua diplomacia proativa na região, mas também ao relacionamento pessoal que Erdogan e Trump desenvolveram. Trump elogiou Erdogan, dizendo: "Ele está sempre lá quando eu preciso dele. Ele é um cara tão durão; duro como você pode ser, mas ele é meu amigo.

Esta é a diplomacia clássica ao estilo Trump: simples, directa e transacional. Ele prefere lidar com líderes que acredita serem fortes e receptivos, e espera que os assuntos sejam tratados da mesma maneira directa. Em sua opinião, existem apenas alguns países na região com os quais os EUA podem manter relações pragmáticas e viáveis - e a Turquia é um deles. O acordo de Gaza é um bom exemplo.

A inclusão da Turquia nas negociações e na execução do acordo pode ser vista como uma conquista diplomática significativa. No entanto, a verdadeira questão agora é: que papel a Turquia desempenhará no futuro? E, o mais importante, a Turquia tem uma estratégia de longo prazo para lidar com possíveis contratemplos? Bem, veremos as respostas para essas perguntas durante o processo. No entanto, é importante destacar o que a Turquia prometeu até agora e quais desafios podem estar por vir no cumprimento desses compromissos.

**Em primeiro lugar**, quer a implementação total do acordo, no qual um sistema de fiador de quatro partes é estabelecido para garantir o cumprimento, monitorar as violações do cessar-fogo e gerenciar as trocas de prisioneiros.

**Em segundo lugar**, a Turquia pretende participar da força-tarefa multinacional para monitorar as violações do cessar-fogo.

**Em terceiro lugar**, procura envolver-se na reconstrução e revitalização de Gaza.

Segundo relatos, a força-tarefa incluirá 200 soldados americanos, ao lado de unidades da Turquia, Emirados Árabes Unidos, Egito e Qatar. A Turquia também ajudará a localizar os restos mortais de reféns israelenses que se acredita terem morrido sob custódia do Hamas. Possui uma equipe experiente designada para identificar corpos não reclamados que já trabalhou na Síria.

No entanto, o envio de tropas turcas para Gaza exigiria aprovação parlamentar. Como em casos anteriores, como implantações no Qatar, Líbia, Somália, Nagorno-Karabakh e Líbano, a Turquia só pode prosseguir depois que a Grande Assembleia Nacional aprovou uma moção, normalmente assinada por Erdogan.

Em 10 de outubro, o Ministério da Defesa afirmou que as forças armadas do país estavam prontas para assumir tal missão. A Turquia também activou as suas principais instituições humanitárias, que poderiam desempenhar um papel crítico na implementação de medidas humanitárias e na garantia da segurança. Caminhões de ajuda da Turquia já começaram a entrar em Gaza nos últimos dias.

Ancara é uma potência regional que efectivamente combina o poder duro por meio da força militar com o poder brando por meio da diplomacia e da mediação. Assim, uma questão que pode restringir a extensão de seu envolvimento são os laços tensos entre Erdogan e o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu. A Turquia teria rejeitado, com o apoio de outras nações, a presença de Netanyahu na cúpula de Gaza, no Egito. Outra questão pode ser a reconstrução de Gaza, que requer acção colectiva. A Turquia precisa manter cuidadosamente uma estratégia de colaboração com outros actores regionais e internacionais na força-tarefa.

A Turquia está pronta para assumir as responsabilidades necessárias; no entanto, na prática, o seu papel exacto em Gaza continua por ser visto, porque as tarefas ainda não foram atribuídas e os mecanismos ainda não foram formados, enquanto a dinâmica regional deve ser cuidadosamente seguida.

**A Dra. Sinem Cengiz** é uma analista política turca especializada nas relações da Turquia com o Médio Oriente. X: @SinemCngz

**Isenção de responsabilidade:** A opinião expressa pela escritora nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

